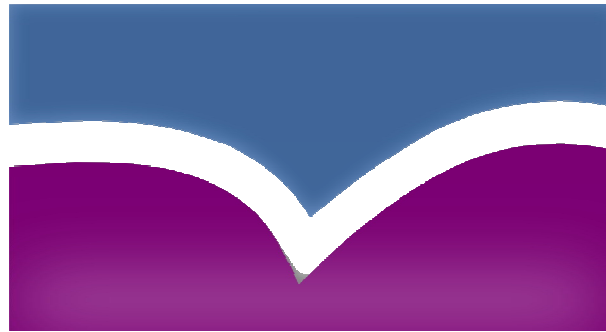


IGREJA BATISTA



CIDADE UNIVERSITÁRIA

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ

1 João
Cristianismo Convicto

Professor: Marcelo Berti e Lonardo Rabelo

ESCOLA BÍBLICA - Agosto/Setembro de 2010

Visão Panorâmica de 1 João

Autor:

João, discípulo amado, irmão de Tiago, filho de Zebedeu.

Destinatários:

Cristãos (2.12-14, 21; 5.13).

É possível que João tenha alguma familiaridade com os cristãos a quem escreve:

- 2.1: A expressão "Meus filhinhos" parece bem paternal e expressa que existe alguma intimidade entre escritor e destinatário.
- 2.7,8: "Amados" também parece uma expressão de proximidade pessoal entre autor e destinatários
- 2.12-14: A definição de categorias de pessoas (Filhinhos, Pais, Jovens) parece sugerir que o autor tem em mente pessoas específicas
- 2.26: João estava familiarizado com problemas que os seus destinatários estavam sofrendo e escreve os alertando.
- 5.13: A clara identificação da categoria maior dos seus destinatários parece sugerir proximidade pessoal entre autor e destinatários.

Data:

85-90 d.C.

Situação:

Situação Externa: Os cristãos a quem João escreve estão enfrentando o assédio da heresia e presenciando o aparecimento de "anticristos" e falsos profetas que pervertiam a fé e cristãos próximos aos leitores a quem João destina sua carta.

Situação Interna: Pelas advertências que João tece em sua primeira epístola, é possível que esses cristãos haviam sofrido com o ataque dos "anticristos" e precisavam ter sua convicção soteriológica reafirmada. Por isso João gastou tanto de sua epístola apresentando de modo simples a possibilidade de ser convicto da própria fé.

Versículo Chave:

"E este é o testemunho: Deus nos deu a vida eterna, e essa vida está em seu Filho. Quem tem o Filho, tem a vida; quem não tem o Filho de Deus, não tem a vida. Escrevi-lhes estas coisas, a vocês que crêem no nome do Filho de Deus, para que vocês saibam que têm a vida eterna" 1 João 5.11-13 (cf. 1.3, 4; 2,12-14; 1.9; 2.28)

Pontos Notáveis:

1. Em 1 João Deus é apresentado como Luz, Amor e Vida. Seu interesse é que seus leitores tenham comunhão com esse Deus evidenciada por um andar em Luz:
 - a. Santidade - 1.5-2.2
 - b. Obediência - 2.3-6
 - c. Amor - 2.7-11
2. Em sua primeira carta, João deixa três provas chaves para a realidade da minha fé/comunhão com Deus:
 - a. Vida Justa
 - b. Obediência
 - c. Amor
3. João deixa evidente suas razões ao escrever sua epístola:
 - a. 1.4: "Escrevemos estas coisas para que a nossa alegria seja completa"
 - b. 2.1: "Meus filhinhos, escrevo-lhes estas coisas para que vocês não pequem"
 - c. 2.26: "Escrevo-lhes estas coisas a respeito daqueles que os querem enganar"
 - d. 5.13: "Escrevi-lhes estas coisas, a vocês que crêem no nome do Filho de Deus, para que vocês saibam que têm a vida eterna"

4. Observe como João utiliza o contraste de idéias para se expressar:
 - a. Luz X trevas;
 - b. Verdade X mentira (falsidade)
 - c. Amor X ódio
 - d. Amor pelo Pai X amor pelo mundo
 - e. Cristo X anticristo
 - f. Filhos de Deus X filho do Diabo
 - g. Justiça X pecado
 - h. O Espírito de Deus X espírito do anticristo
 - i. Vida X morte

5. Na primeira epístola de João a Cristologia tem grande destaque:
 - a. Eterno (pré-existente) (1.1,2; 2.13)
 - b. Cristo veio em carne, foi humano (1.1; 4.2; 5.6)
 - c. Manifestação da Vida (1.2;)
 - d. Vida Eterna (1.2; 5.12)
 - e. Sangue purificador (1.7)
 - f. Intercessor junto ao Pai (2.1)
 - g. Justo (2.1, 29)
 - h. Propiciação pelos pecados (2.2; 4.10)
 - i. Nome de Cristo como responsável pelo perdão (2.12)
 - j. Cristo se manifestará no futuro; voltará, de modo visível e real (2.28; 3.2)
 - k. Objetivo na 1ª. vinda era para retirar os pecados e destruir as obras do Diabo (3.5, 8; 4.14)
 - l. Isento de pecado (3.5)
 - m. Exemplo final para o amor (3.16)
 - n. Manifestação do amor de Deus (4.9)
 - o. Filho unigênito de Deus (4.9; 15)
 - p. Verdadeiro Deus (5.20)

6. João parece ter deixado evidente as heresias que combate com essa epístola:
 - a. Docetismo: Idéia que defendeu que Cristo não era ser humano, ele apenas pareceu humano (verbo grego dokeo)
 - b. Cerintismo : Acreditavam que o Cristo (messias, logos) desceu sobre o homem Jesus no dia do seu batismo e ficou até antes da crucificação; Jesus era resultado de Maria e José
 - c. Gnosticismo: Ideologia em desenvolvimento, também chamada de proto-gnosticismo. Segundo essa ideologia a matéria é má por essência e por essa razão Jesus tinha duas naturezas: humana e divina. A salvação para o gnóstico vem a partir do conhecimento.

¹ Cerinto, um herege, ensinou que Jesus era humano, mas ao ser batizado, o “Cristo” na forma de pomba, desceu sobre ele. Na cruz, o “Cristo” o deixou, e ele morreu sozinho, como homem. No texto de “Atos de João”, apócrifo do segundo ou terceiro século, “Jesus” revela a “João” o que realmente aconteceu com ele na crucificação

Temas Teológicos

Em 1 João podemos encontrar diversos temas teológicos² podemos ressaltar dois que parecem ocupar lugar de destaque: Deus, sua paternidade e amor e Cristo, sua pessoa e obra³.

A. Teologia Própria

Teologia própria é a seção do estudo temático da teologia que se ocupa em discorrer sobre a Pessoa do Deus Pai. Na teologia sistemática, teólogos tentam agrupar tantas informações quanto possível sobre esse o conceito de Deus em todas as escrituras e então descrever o que as escrituras ensinam sobre esse Deus. Em nosso estudo, vamos nos deter ao estudo da concepção joanina sobre a teologia cristã.

A. Paternidade de Deus sobre os Cristãos⁴

Um aspecto importante na concepção joanina sobre Deus é a sua paternidade, visto que esse assunto percorre toda a primeira epístola. Sobre esse assunto podemos ver pelo menos 20 declarações apenas na primeira epístola (2.29, 3.9, 4.7, 5.1, 5.4, 5.18; 3.1, 2; 3.10; 5.2; 3.10; 4.1, 2, 3, 4, 6, 7; 5.19; 3.24; 4.12, 13, 15; 16).

A primeira declaração sobre a paternidade de Deus sobre os cristãos é que nós somos de fato **nascidos de Deus**. O uso do verbo grego "gennao" para descrever aqueles que depositam sua fé em Cristo é observado desde o quarto evangelho. Em 1 João é utilizada 6x para descrever os cristãos (2.29, 3.9, 4.7, 5.1, 5.4, 5.18). O nascimento não é a realização de um ato de vontade daquele que nasce, mas daquele que o gerou. (Jo.1.13; cf. Jo.3.3; 6, 8 - observe o verbo passivo). O critério para essa filiação também é claramente apresentado, pois aquele que "*crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus*" (5.1). Ou seja, existe estrita relação entre filiação e fé, pois não é possível que exista filiação a Deus, sem a fé salvífica centrada em Cristo, que por sua vez garante a vitória do mundo (5.4) A ligação entre filiação a Deus e fé desencadeia em benefícios espirituais aos cristãos, pois através dela o cristão é habilitado a vencer o mundo (Jo.16.33), o Maligno (2.13, 14) e os falsos profetas (4.4).

Uma vez que somos nascidos de Deus, passamos a ter o direito de sermos chamados **filhos de Deus** (Jo.1.12). Esse direito é adquirido pela fé em Jesus Cristo e resultado do amor ativo e primeiro de Deus (3.1). Na concepção joanina, Deus é pai daqueles que realizam sua vontade (Jo.6.40; cf. 5.1), demonstram em sua vida uma busca por compatibilidade com o caráter Dele (3.10ss) e vivem na expectativa de atingirem a maturidade espiritual (3.2). Essa esperança e expectativa no futuro é certamente um norte para o proceder saudável do cristão enquanto filho de Deus no mundo.

O resultado de ter sido nascido de Deus e considerado como filho Dele é que nós somos considerados como que **propriedade de Deus** (*ek tou theou*), ou seja, que nós pertencemos pessoalmente a

² BERTI, Marcelo Mendes, *Temas Teológicos em 1João*. Material não publicado (www.marceloberti.wordpress.com/2008/04/11/temas-teologicos-em-1joao/).

³ Ver também: MORRIS, Leon, *Teologia do Novo Testamento*. pp.347-352.

⁴ BERTI, Marcelo Mendes, *Análise da Paternidade de Deus em 1João*. (www.marceloberti.wordpress.com/2008/04/09/analise-da-paternidade-de-deus-em-1joao/)

esse Deus que nos demonstra Seu amor em Cristo Jesus. A identificação desse pertencer a Deus com sua Paternidade sobre nós é vista pelo mesmo resultado apresentado a vitória dos falsos profetas (4.4). Esse pertencer a Deus é a garantia final da não participação o mundo, ou de qualquer ligação com o maligno, pois somos de Deus e o mundo jaz no maligno (5.4), além de ser percebida através da inclinação auditiva, pois quem conhece a Deus ouve o ensino apostólico (4.6). Essa é a grande razão pelo qual não somos amados (Jo.15.18) por esse mundo (Jo.15.19), pois ele pertence ao Maligno, e nós pertencemos a Deus. Estamos nesse mundo (Jo.17.15), mas não somos dele (Jo.17.14, 16); antes, fomos comprados dele por meio de Cristo para estarmos e pertencemos a Deus, pois éramos de Deus (Jo.17.6-8).

B. O Amor de Deus⁵

Talvez a mais importante descrição sobre Deus na Teologia de João seja a que Deus é ágape. Por duas vezes o autor faz isso: "*Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor*" (4.8); "*E nós conhecemos e cremos no amor que Deus tem por nós. Deus é amor, e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus, nele*" (4.16).

Entretanto, mais que identificar a colocação da expressão dentro dos escritos joaninos é compreender o que de fato isso significa. Por isso, precisamos observar alguns fatos sobre o Amor de Deus para tentar compreender seu real significado prático e conceitual.

Uma das declarações que se destaca sobre a compreensão de João sobre o amor de Deus é que ele **é completo e independente da criação**. Nas declarações de Cristo apresentadas por João no evangelho, percebe-se claramente a interação de amor que existia entre a trindade mesmo antes da fundação do mundo (Jo.17.24; cf. Jo.15.9). Esse amor que foi manifesto no passado é presente (Jo.3.35; cf. 10.35) e recíproco (Jo.14.31).

Na teologia de João podemos encontrar indícios de que o amor de Deus é **perfeito**, no sentido que nada lhe falta, completo e final. Uma das evidências que temos para isso é que o amor de Deus pode ser aperfeiçoado no cristão, na medida que busca aproximar-se de Deus (2.5; 4.12; 4.16-17). Se o amor que procede de Deus pode ser aperfeiçoado na vida do cristão, se ele pode chegar a ser completo em sua vida, deve supor que a fonte também o seja.

A forma como João refere-se ao amor de Deus podemos perceber que ele não utiliza uma unidade de medida para auferir a quantidade ou a extensão do amor de Deus. A palavra grega para grande (potapós; cf. 1Jo.3.1) é sempre utilizada em contexto onde o maravilhar-se está presente, de forma que a expressão em si tem um ar de magnitude. Dessa forma, notamos que o amor que Deus tem é **imenso**. Outros textos contribuem para essa conclusão (4.11; cf. Jo.3.16).

Outro ponto a ser observado sobre esse assunto é que **amor procede de Deus**. Na teologia joanina não existe outra fonte para o amor, se não de Deus: "*Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus*" (4.7). A expressão grega deixa bem evidente que o amor vem, procede, sai, emana de Deus. E segundo podemos conhecer da teologia joanina esse **amor é anterior** a qualquer outra manifestação (4.19).

Além de anteceder qualquer manifestação, esse amor é **manifesto ao mundo**, uma declaração que do ponto de vista das deturpações teológicas presentes já no fim do primeiro século, eram inconcebíveis. A idéia de uma Deus demonstrar seu amor para com o mundo, ou até mesmo a interação entre a divindade e o

⁵ BERTI, Marcelo Mendes, *A relação entre o Amor Ágape e Deus*. (www.marceloberti.wordpress.com/2008/04/09/a-relacao-entre-o-amor-agape-e-deus/)

kosmos era impensável. Por isso a leitura teológica de Jo.3.16 era essencial para uma compreensão do amor de Deus. É possível, que o peso da expressão "Deus amou ao mundo" (*egapesen hó theós ton kosmon*) seja compatível com a vista em Rm.5.8. Dessa forma, todos os que são criaturas de Deus podem compreender e conhecer o amor de Deus, até por que o procedimento de Cristo visava testificar esse fato ao mundo (Jo.14.31) e sua história é prova viva desse interesse de Deus.

Entretanto, não existe maior manifestação para o amor de Deus senão na **Obra de Cristo**. Para João essa verdade é contundentemente clara (4.9). Essa mensagem está em consonância com a verdade sobre o Filho e a Obra Redentora realizada por Deus por intermédio de Jesus Cristo. Além do mais: "*Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos*".

De modo especial, esse amor que é dedicado ao mundo por intermédio de Cristo, é **manifesto aos cristãos**. Uma importante observação à essa altura é que esse amor é apresentado de modo especial para aqueles que o Pai traz a Cristo (Jo.6.37, 44). Em sua oração, Jesus pede ao Pai que seus discípulos sejam unidos e cresçam na unidade com o objetivo que "*o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim*" (Jo.17.23). A unidade entre os discípulos, o que inclui tanto os onze que estavam com Ele naquele momento e todos os que vieram após eles (Jo.17.20-21) seria o testemunho eficaz de que Cristo havia sido enviado da parte de Deus para esse mundo, e que Deus ama os seguidores de Cristo da mesma forma como ama a Cristo. Essa declaração parece fazer alguma distinção entre o amor que Deus atribui ao mundo e a Seus filhos.

Deve ser por isso que João também apresenta o conceito de que o amor de Deus é **percebido pela prática cristã**. A literatura joanina apresenta em diversos lugares a preocupação de que aquele que crêem em Cristo como Salvador deveriam esboçar esse amor de Deus nos seus relacionamentos, e que isso seria evidência suficiente do amor de Deus (Jo.17.20-24). Entretanto, parece não ser essa a única preocupação de João, visto que o amor de Deus é que em parte é percebido pelos cristãos (4.9). O fato de Deus ter enviado Seu Filho ao mundo é um fato conhecido na teologia joanina, mas a consistência do amor de Deus também está no objetivo a que Ele enviou Seu Filho: *Para que os cristãos pudessem viver por meio Dele*. Com esse adendo, notamos que o amor de Deus é, por um lado definido por seu envio do Filho, e por outro pelo reflexo deste na comunidade dos que crêem Nele. Contudo, podemos ainda inferir que essa não é toda a concepção que João tem sobre esse assunto: "*Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; ora, os seus mandamentos não são penosos*" (5.3). Nesse ponto notamos que parte da definição do amor de Deus está na obediência do cristão, sendo isso ainda verificado na segunda epístola de João: "*E o amor é este: que andemos segundo os seus mandamentos. Este mandamento, como ouvistes desde o princípio, é que andeis nesse amor*". Nesse texto ainda temos a inclusão de que os cristãos deveriam andar nesse amor.

Considerando as informações sobre o amor na literatura joanina, podemos assumir que ao referir-se a Deus como amor, tem todos esses conceitos em mente. Portanto, cremos que de alguma forma a definição de Deus inclui todos esses aspectos, não de forma a limitá-lo, mas na forma de compreendê-lo como Deus. Se isso é verdadeiro, concluímos que Deus é completo e independente da criação, perfeito, imenso, auto-existente, intenciona-se fazer-se conhecido ao mundo por meio de Cristo e seus Filhos.

2. Cristologia

Em nossa introdução da visão joanina da Cristologia, vemos nos restringir (em quase todo o processo) às evidências encontradas na Primeira Epístola de João. Eventualmente, será necessário consultar um pouco mais da teologia de João. Vale, ainda, ser ressaltado que a Cristologia ocupa lugar de destaque na Teologia de João em sua Primeira Epístola, visto que as exortações e ensinamentos de João nesse livro estão fundamentados na pessoa, obra e caráter de Cristo: As implicações sobre a vida cristã estão fundamentadas em Cristo (2.4-6), a exortação contra os falsos mestres é centrada na concepção correta da pessoa de Cristo (2.18-23; 5.6, 9), a prática do amor entre os cristãos está fundamentado na Obra de Cristo a nosso favor (3.16), a centralidade da fé cristã está em Cristo (3.23; 4.2-3; 4.14-15; 5.1, 5; 5.11-12; 5.20), a manifestação do amor de Deus é reconhecida na auto-doação de Cristo em nosso benefício (4.9-10) entre outras considerações sobre Cristo.

A teologia cristã sempre enfrentou grandes dificuldades com a identificação correta da Pessoa de Cristo. Talvez essa luta sempre foi necessária pois a fé em Cristo, além de centro e alicerce do cristianismo, da teologia e da vida do cristão é a resposta à Graça de Deus em providenciar a Salvação a todo que crê. Caso a fé esteja centrada e alicerçada na perspectiva errada sobre o Salvador, temos imediata e diretamente um problema soteriológico. Caso Cristo seja apenas um carpinteiro qualquer, qual é o papel redentor que tem? Se fosse apenas divino, por que aventurar-se entre humanos como uma espécie de espírito que parecia com um humano? Responder a essas perguntas significa pensar teologicamente sobre o cerne da Fé Cristã. Responder corretamente a essas perguntas significa defender a concepção correta de Cristo, do cerne da fé cristã e a prática saudável da vida cristã. Talvez tenha sido essa a intenção de João ao enfatizar a Pessoa de Cristo em sua primeira epístola.

A. A Humanidade de Cristo

A **humanidade de Cristo**⁶ é bem observada em 1 João e claramente defendida em sua exposição: "*todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus*" (4.2), Ao que tudo indica, João intenciona combater uma visão distorcida da pessoa de Cristo que parecia surgir na Igreja (2.19) por meio de falsos profetas (4.1), também chamados de anticristos (2.18). Dada as ênfases de suas exortações acredita-se que uma espécie antiga de gnosticismo estivesse emergindo entre os cristãos. Alguns nomeiam essa ideologia de proto-gnosticismo, ao passo que outros acreditam que tratava-se de uma versão de gnosticismo chamada docetismo. Qual quer que seja a opção, ambas desacreditavam a humanidade integral de Cristo, ou pela negação da possibilidade da existência do divino com o humano (gnosticismo), ou pela aparência humana de Cristo (docetismo). Deve ser por isso que João inicia sua carta com declarações muito evidentes sobre sua humanidade: "*O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos, e as nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo da vida*" (1.1). Nesse verso, vemos que Ele foi visto, contemplado e apalrado. Dentre tudo que se poderia dizer sobre esse texto, o que chama atenção é o fato de que Cristo teria sido apalrado (pselafaō) expressão usada em Lc.24.39 exatamente para comprovar a integralidade da humanidade de Cristo.

⁶ BERTI, Marcelo Mendes, *Evidências da humanidade de Cristo em 1 João*. (<http://marceloberti.wordpress.com/2008/06/18/evidencias-da-humanidade-de-cristo-em-1joao/>)

B. A divindade de Cristo

A **divindade de Cristo**⁷ também é claramente enunciada nesse verso, pois lemos que o Verbo da Vida existe desde sempre, uma expressão muito semelhante a cunhada por João em seu evangelho (Jo1.1-3). A idéia de Alguém que era desde o Princípio é repetida mais duas vezes na epístola em referência a Cristo (2.13,14). Outra forma de apresentação da divindade de Cristo está no uso da palavra "**Unigênito**" (monogenes) em referência a Cristo: "*Nisto se manifestou o amor de Deus em nós: em haver Deus enviado o seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dele*" (4.9)⁸. A expressão "unigênito" traz uma conotação errada sobre o sentido do termo grego, pois sugere que Cristo é o único Filho gerado, quando na verdade o termo grego expressa um sentido muito mais próximo do conceito de Único Filho, como é claramente observado pelo uso na literatura lucana e na LXX. Aliás, a estrita ligação entre o uso de monogenes e agapetés (o mais amado) na LXX sugerem uma relação sinônima entre eles de modo especial, como é visto pela alusão de Genesis 22.2 em Hebreus 11.17. Assim, o termo monogenes além de representar sua exclusividade como Filho (huiós) aponta para o fato de que é o mais Amado entre todos os outros filhos (tékna). Já o conceito de divindade desse termo provém da relação entre monogenes e logos encontrado em Jo.1.14. A declaração explícita, porém, vem em Jo.1.18: "*Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou*". Entretanto, não há declaração mais evidente nesse assunto que a que encontramos em 1 Jo.5.20, "*Também sabemos que o Filho de Deus é vindo e nos tem dado entendimento para reconhecermos o verdadeiro; e estamos no verdadeiro, em seu Filho, Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna*".

⁷ Os escritos joaninos expõem esse fato incansavelmente: Jo.1.1-3, 14,18; 2.2,25; 3.16-18, 35, 36; 4.14,15; 5.18, 2-22,25-27; 11.41-44; 20.28; 1Jo.1.3, 2.23; 4.14, 15; 5.5, 10-13, 20.

⁸ BERTI, Marcelo Mendes, *O uso de monogenes em referência a Cristo*. (<http://marceloberti.wordpress.com/2008/04/28/o-uso-de-monogenes-em-referencia-a-cristo/>)

Esboço

1. Introdução: A manifestação histórica da Vida.....	1.1-4
2. A certeza obtida pela pelo caminhar na luz.....	1.5-2.2
a. Princípio.....	1.5
b. Problemas.....	1.6-10
c. Proposta.....	2.1-2
3. A certeza obtida pela obediência.....	2.3-2.17
a. Princípio.....	2.3
b. Aplicação 1: Relacionamento com Deus.....	2.4-8
c. Aplicação 2: Relacionamento com irmão.....	2.9-11
d. Aplicação 3: Separação do Mundo.....	2.12-17
4. A certeza obtida pela permanência na verdade.....	2.18-27
a. Reconhecendo nossa Época.....	2.18
b. Reconhecendo Falsos Mestres.....	2.19-23
c. Reagindo a Falsos Ensinos.....	2.20-27
5. A certeza obtida pela esperança escatológica.....	2.28-3.3
a. Permanência em Cristo.....	2.28
b. A prática da justiça.....	2.29
c. Esperança escatológica.....	3.1-3
6. A certeza obtida pela vida justa.....	3.4-10
a. Definição de pecado.....	3.4
b. Definição da obra de Cristo.....	3.5
c. Definição da vida cristã.....	3.6-10
7. A certeza obtida pelo exercício do amor.....	3.11-24
a. Princípio 1: O amor mútuo entre os irmãos.....	3.11-12
b. Parêntesis 1: O ódio do mundo.....	3.13
c. Princípio 2: Auto-doação aos irmãos.....	3.14-20
d. Parêntesis 2: A questão da certeza.....	3.21-24
8. A certeza obtida pela receptividade à verdade.....	4.1-6
a. Questão da procedência da verdade.....	4.1-3
b. Pertencimento pessoal a Deus.....	4.4-6
9. A certeza obtida pelo aperfeiçoamento do amor.....	4.7-21
a. A questão da procedência do amor.....	4.7-8
b. A manifestação e essência do amor.....	4.9-12
c. Parêntesis 1: Convicção obtida pela doação do Espírito Santo.....	4.13
d. Parêntesis 2: Convicção obtida pela Fé em Cristo.....	4.14-15
e. O aperfeiçoamento do amor na vida do cristão.....	4.16-21
10. A certeza mediante o exercício da fé.....	5.1-12
a. A fé prática do cristão.....	5.1-3
b. A fé vitoriosa do cristão.....	5.4-5
c. O objeto da fé cristã.....	5.6-12
11. Conclusão: As relutantes certezas da vida.....	5.13-21
a. Objetivo da Carta: Convicção soteriológica.....	5.13
b. A convicção na oração.....	5.14-17
c. A convicção da vida santa.....	5.18-20
d. Recomendação final.....	5.21